



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA, LÍNGUA INGLESA
E RESPECTIVAS LITERATURAS

JOYCE ALINE DE ARAÚJO SILVA

**A APLICABILIDADE DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO, ATRAVÉS DO TIPO
TEXTUAL NARRATIVO, NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL ABRAÃO BARROS
RODRIGUES**

Santa Inês – MA

2024

JOYCE ALINE DE ARAÚJO SILVA

**A APLICABILIDADE DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO, ATRAVÉS DO TIPO
TEXTUAL NARRATIVO, NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL ABRAÃO BARROS
RODRIGUES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras habilitação em língua portuguesa, língua inglesa e respectivas literaturas.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cilírio da Silva Neto

Santa Inês – MA

2024

Silva, Joyce Aline de Araújo.

A aplicabilidade dos sinais de pontuação através do tipo textual narrativo, na produção textual dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Abrãao Barros Rodrigues. / Joyce Aline de Araújo Silva.

– Santa Inês - MA, 2024.

41 f.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Cirílho da Silva Neto.

Monografia (Graduação) – Curso de Letras em Licenciatura Língua Portuguesa, Língua Inglesa e respectivas literaturas, Campus de Santa Inês, Universidade Estadual do Maranhão, 2024.

1. Pontuação. 2. Tipo textual. 3. Narrativo. 4. Práticas de ensino. I. Título.

CDU 003.086:373.3(812.1)

Bibliotecário Márcio André Pereira da Silva - CRB 13/862

Elaborado

pelo

JOYCE ALINE DE ARAÚJO SILVA

**A APLICABILIDADE DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO, ATRAVÉS DO TIPO
TEXTUAL NARRATIVO, NA PRODUÇÃO TEXTUAL DOS ALUNOS DO 6º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL DA ESCOLA MUNICIPAL ABRAÃO BARROS
RODRIGUES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para o grau de licenciatura em Letras habilitação em língua portuguesa, língua inglesa e respectivas literaturas.

Aprovado em: 07/02/2024

BANCA EXAMINADORA

Antonio Cilirio da Silva Neto
Professor Doutor Antonio Cilirio da Silva Neto (Orientador)

Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Ana Claudia Menezes Araujo

Professor (a):

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

Maricelis de Lemos Cruz

Professor (a):

Universidade Estadual do Maranhão (UEMA)

RESUMO

O objetivo principal deste estudo consiste em investigar o tipo textual narrativo e a aplicação de sinais de pontuação na produção textual dos alunos do 6º ano do ensino fundamental, anos finais. É inquestionável a importância dos sinais de pontuação para a escrita, essa possibilita clareza e objetividade na mensagem entre emissor e receptor. Dessa forma, indagou-se: Como o tipo textual narrativo pode ser utilizado para o ensino dos sinais de pontuação? Sabe-se que, para que a escrita seja eficiente, torna-se preciso pensar em práticas que viabilizem o processo de ensino e aprendizagem, por isso utilizamos o tipo textual narrativo como apoio no ensino dos sinais de pontuação, e conseqüentemente no seu processo de ensino e aprendizagem. Deste modo, como base teórica utilizamos: Silva (2019), Bechara (2009), Dacanal (2015), Ferreira e Caixeta (2008) entre outros. Metodologicamente, como método de obtenção de dados aplicamos um questionário para a análise dos usos das pontuações na escrita de narrativas de alunos do 6º ano, para em seguida refletirmos e interpretarmos o que apontaram sobre os usos e funções dos sinais de pontuação na escrita. Por fim, notou-se que os alunos possuíam dificuldades na utilização prática dos sinais de pontuação apesar de estarem no 6º ano, refletindo também na interpretação dos mesmos no momento da leitura de qualquer texto, nesse sentido, saber usar os sinais de pontuação corretamente infere em um conhecimento que vai além da simples codificação e decodificação de signos linguísticos.

Palavras-chave: Pontuação; Tipo textual narrativo; Práticas de ensino.

ABSTRACT

The main objective of this study is to investigate the narrative textual type and the application of punctuation marks in the textual production of students in the 6th year of elementary school, final years. The importance of punctuation marks for writing is unquestionable, as they enable clarity and objectivity in the message between sender and receiver. Therefore, the question was: How can the narrative textual type be used to teach punctuation marks? It is known that, for writing to be efficient, it is necessary to think about practices that make the teaching and learning process viable, which is why we use the narrative textual type as support in teaching punctuation marks, and consequently in their writing process. teaching and learning. Therefore, as a theoretical basis we use: Silva (2019), Bechara (2009), Dacanal (2015), Ferreira and Caixeta (2008) among others. Methodologically, as a method of obtaining data, we applied a questionnaire to analyze the uses of punctuation in writing narratives by 6th year students, and then reflect and interpret what they pointed out about the uses and functions of punctuation marks in writing. Finally, it was noted that students had difficulties in the practical use of punctuation marks despite being in the 6th year, also reflecting on their interpretation when reading any text, in this sense, knowing how to use punctuation marks correctly infers in knowledge that goes beyond the simple coding and decoding of linguistic signs.

Keywords: Punctuation; Narrative textual type; Teaching practices.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A RELAÇÃO ENTRE OS SINAIS DE PONTUAÇÃO E O TIPO TEXTUAL NARRATIVO	9
1.1 Evolução da escrita: breve trajeto da pontuação.....	9
1.2 Pontuação na Língua Portuguesa: aspectos ligados à textualidade.....	11
1.3 O tipo textual narrativo como ferramenta de ensino dos sinais de pontuação	14
2. METODOLOGIA.....	18
2.1 Universo e amostra	18
2.2 Coleta de Dados	19
3. ANÁLISE DOS DADOS	21
3.1 Análise introdutória da turma do 6º ano da Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues.....	21
3.2 Aplicação e análise do questionário na turma.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35
ANEXOS	37
APÊNDICES	38

INTRODUÇÃO

Os sinais de pontuação são traços de um desenvolvimento de milênios ocorrido na escrita. Desta maneira, surgiu os signos e a escrita como conhecemos hoje, fato que possibilitou o desenvolvimento daquilo que chamamos como tipos textuais. Sabendo disso, este trabalho visa fazer um estudo acerca da aplicabilidade dos sinais de pontuação na produção textual e do tipo textual narrativo nas turmas do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues.

Nesse sentido, é inquestionável a importância dos sinais de pontuação, sendo imprescindível já no início da vida escolar de qualquer criança, esse primeiro contato para familiarizar-se. Concomitantemente, um fator recorrente percebido por muitos professores é a dificuldade dos alunos de utilizarem corretamente os sinais de pontuação, tão essenciais para a compreensão de qualquer tipologia escrita.

Por conseguinte, devido a estas problemáticas, o objetivo principal desta pesquisa consiste em investigar o tipo textual narrativo e a aplicação de sinais de pontuação na produção textual dos alunos do 6º ano do ensino fundamental anos finais. Este estudo não visa generalizar os dados obtidos, mas sim, analisar em um determinado contexto as habilidades de escrita e leitura dos estudantes da amostra.

Sabendo disso, em relação aos objetivos específicos, buscou-se: trazer um breve resumo da evolução da escrita em relação ao trajeto da pontuação; descrever relações entre a pontuação na Língua Portuguesa a aspectos ligados à textualidade; apresentar o tipo textual narrativo como ferramenta de ensino dos sinais de pontuação; por fim, analisar as respostas dos estudantes acerca dos questionários.

Por fim, e sob esse prisma, este trabalho responde à seguinte problemática: Como o tipo textual narrativo pode ser utilizado para o ensino dos sinais de pontuação? Considerouse que, saber usar os sinais de pontuação corretamente infere em um conhecimento que vai além da simples codificação e decodificação de signos linguísticos.

1. A RELAÇÃO ENTRE OS SINAIS DE PONTUAÇÃO E O TIPO TEXTUAL NARRATIVO

1.1 Evolução da escrita: breve trajeto da pontuação

A escrita passou e passa por evolução há milênios, assim também ocorre com os sinais de pontuação que conhecemos hoje. Sob esse aspecto, Cagliari (2019) relata que a escrita em si possui três fases: pictórica, ideográfica e alfabética. A primeira, se desenvolveu através de desenhos e pictogramas, sendo o estágio mais primitivo da escrita. Deste modo, as pessoas utilizavam estes símbolos para fins práticos como marcações em caças e registros de bens ou para fazer a representação de objetos, pessoas, animais e até mesmo conceitos abstratos. Acerca dessa evolução linguística da humanidade, Souza, Santos e Trinchão afirmam que:

a evolução do desenho da escrita se processa à medida que a mão do homem passa a gravar, imprimir, traçar, esculpir e pintar pictogramas, fonogramas e letras em cada momento histórico, se adaptando, sucessivamente, a cada tecnologia e suporte que vão sendo desenvolvidos (Souza; Santos; Trinchão, 2015, p. 526).

A segunda fase se utilizou de desenhos especiais, chamados ideográficos, fruto do avanço em que as sociedades antigas passaram, possibilitando registros mais detalhados dos mais variados tipos de informações (Cagliari, 2019). Deste modo, como exemplo daqueles, temos os hieróglifos egípcios e a escrita cuneiforme da Mesopotâmia. Além disso, Bechara afirma que:

os sinais de pontuação datam de época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõem como objeto de estudo e aprendizado. Ao lado dos grafemas que “vestem” os fonemas, os morfemas e as unidades superiores, esses sinais extra alfabéticos, como assinala Catach, são essencialmente unidades sintáticas, “sinais de orações” e “sinais de palavras”, podendo comutar com tais unidades alfabéticas, substituí-las e tomar de empréstimo seu valor. Assim, um apóstrofo indica a supressão de um grafema, uma vírgula uma unidade de coordenação ou de subordinação. Na essência, os sinais de pontuação constituem um tipo especial de grafemas (Bechara, 2009, p. 514).

E por último, a terceira fase, caracterizada pelo uso das letras como conhecemos hoje, ou seja, o sistema de escrita baseado em determinado símbolos para representar um determinado som fonético, e por conseguinte as palavras em si, permitindo assim uma flexibilidade e eficiência da língua falada (Cagliari, 2019).

É nítida a importância dos sinais de pontuação, contribuindo para o sentido textual discursivo, por este aspecto, torna-se necessário o uso de metodologias que promovam o uso

correto dos sinais de pontuação, ajudando o leitor entender a mensagem que o receptor (escritor) do texto quer passar (Ferreira; Caixeta, 2008).

Os sinais de pontuação fazem parte qualquer texto em sua linguagem escrita. E a ausência destes traz dificuldades de compreensão do texto em si, e também leva ao leitor tentar pontua-lo “intuitivamente”, fatores que geram muitos erros interpretativos.

Sabendo disso, para que a mensagem do emissor seja entendida corretamente pelo receptor, necessita-se da utilização correta dos sinais de pontuação, não sendo diferente com o tipo textual narrativo. Todavia, a escolha e predominância de certos sinais de pontuação variam dependendo do gênero abordado: epopeia, romance, conto, novela, fábula entre outros.

Nesse sentido, se analisarmos o gênero fábula, percebemos que há a predominância do uso de travessões para indicar o diálogo entre os personagens, no qual, em outros gêneros não é utilizado com frequência, ou até mesmo não é utilizado. Por este aspecto, não podemos rotular quais os sinais de pontuação são mais utilizados no tipo textual narrativo, tendo em vista a infinidade de gêneros no qual se faz presente.

Além disso, é fundamental reconhecer que, na Antiguidade Clássica, houve uma maior valorização do texto oral em detrimento do texto escrito; a escrita era considerada uma transcrição da fala (Dubois, 2016). É por isso que os primeiros sinais de pontuação foram empregados para fins retóricos, esses aspectos da oralidade, como o ritmo da linguagem e as pausas para respirar, foram incorporados à linguagem. Nesse período, Dubois (2016) relata que a responsabilidade de pontuar era delegada ao leitor ou locutor do texto, e não ao autor. Nesse sentido, acrescenta que:

os oradores gregos que estavam preparando discursos para serem pronunciados posteriormente viram interesse em acrescentar marcas a seus textos para lembrá-los dos pontos onde deveriam fazer pausas breves ou pausas mais significativas, onde deveriam elevar a voz, e assim por diante (Dubois, 2016, p. 232).

Ademais, um fato interessante de ser ressaltado é que devido os gregos desconhecerem a leitura silenciosa, fez com que os sinais de pontuação fossem criados tendo em vista que marcas pontuacionais foram adicionadas com o intuito de auxiliar na retórica por parte dos oradores gregos, mostrando assim quando deveria fazer pausas longas ou breves, além de elevar e entonar a voz durante os discursos (Ferreira; Caixeta, 2008). Sobre os romanos, os autores acrescentam que:

[...] os povos romanos e medievais foram incrementando este conjunto de sinais de pontuação, que eram usados para indicar aspectos estruturais dos textos, e não os associavam às pausas respiratórias, como fazem a maioria dos gramáticos da

atualidade. Todos esses aspectos estruturais acarretaram o desenvolvimento da leitura silenciosa que culminou em uma pontuação que exprime informações estruturais que é a nossa pontuação atual, embora esteja passível de mudanças, como vem ocorrendo ao longo dos anos desde o seu surgimento (Ferreira; Caixeta, 2008, p. 153).

Acerca destas mudanças temos a retirada do trema (¨), que anteriormente fazia parte da língua portuguesa, mas devido ao novo acordo ortográfico, ficou em desuso. Este sinal de pontuação consistia na combinação das vogais "u" e "e" ou "i" e "e" com o som da letra "u", abrangendo palavras como: “lingüiça”, “seqüência”, “tranqüilo”, entre outras. Sabendo disso, esta mudança ocorreu no ano de 2008, devido ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, entrando em vigor gradualmente nos países lusófonos.

Para Rocha (2016) diferentemente dos critérios empregados na Antiguidade Clássica para pontuação de textos, na Idade Média são comuns duas diretrizes significativas para o uso da pontuação: a pontuação com finalidade semântica (clareza e lógica) e a pontuação com finalidade prosódica (respiratória). O uso da pontuação tornou-se mais lógico e gramatical, isso foi feito com o uso de sinais para apontar também elementos da estrutura textual.

O autor ainda acrescenta que na Idade Moderna, o sistema de pontuação era conforme dois segmentos: pausal e gramatical. A primeira era vista com maior importância. Nesse ponto de vista lógico-gramatical, classificou-se em três fatores: a respiração; diferenciar os sentidos do texto parcialmente e; diferenciar os níveis de subordinação. Logo, esses fatores eram aplicados à vírgula, ponto e vírgula e os dois pontos; para os outros sinais não se aplicavam (Rocha, 2016).

Em suma, observa-se que existem duas diretrizes principais para o uso de sinais de pontuação: diretrizes prosódicas e diretrizes gramaticais. A orientação gramatical difundiu-se mais a partir da Idade Média, com a função de separar ou associar classes gramaticais, indicando a relação entre classes gramaticais. Essas diretrizes de pontuação ainda estão em uso hoje (Dubois, 2016).

Deste modo, Bechara (2009) postula que os sinais de pontuação são relativamente recentes na história da escrita, tendo em vista que possuem origem diversas, evoluindo no decorrer das eras. Por este aspecto, o autor acrescenta que há uma continuidade de certos sinais de pontuação provenientes da escrita grega e latina.

1.2 Pontuação na Língua Portuguesa: aspectos ligados à textualidade

De acordo com Azeredo os sinais de pontuação na Gramática Houaiss possuem diferentes funções, eles podem ser usados para criar espaços estéticos, indicar pausas, entonação da frase e individualizar partes do texto: aspas, negrito e itálico (Azeredo, 2017).

É comum fazer uma pausa quando se encontra uma vírgula ao ler em voz alta, porém, como argumentam os gramáticos, a pausa nem sempre indica vírgula. Dessa maneira, se o leitor fizer uma pausa entre o sujeito e o predicado durante a leitura, seria incorreto segundo as normas gramaticais marcar essa paralisação com vírgula, pois, o manual informa que não se separa sujeito do predicado na oração.

Em relação a isso, Dacanal considera que:

em termos gramaticais tradicionais, a pontuação está ligada intrinsecamente à estrutura sintático-semântica da frase, isto é, à lógica da língua como instrumento de transmissão de informações. E não a ‘pausas para respirar’, ‘à entonação’, ‘a sinais de intensidade’; ‘ao estilo do autor’ etc (Dacanal, 2015, p.14).

Ademais, o autor não ligava os componentes prosódicos à pontuação, para ele esse sistema deveria estar ligado diretamente aos componentes sintáticos. É importante notar também que os critérios para as pausas são frequentemente citados, a ocorrência dessas pausas em termos de questões estruturais, cujo existe o vínculo entre a sintaxe e o uso de sinais de pontuação.

Compreende-se que o uso da pontuação organiza e combina uma frase ou texto. Entretanto, sua utilização inadequada, também, pode afetar negativamente o significado da frase ou deixa-la de transmitir a informação almejada. Em concordância, Koch e Silva (2017, p. 11) afirmam que: “toda frase de uma língua consiste em uma organização, uma combinação de elementos linguísticos agrupados segundo certos princípios, que a caracterizam como estrutura”.

Diante disso, os PCN ressaltam que é uma atividade no qual só se aprende com tutoria:

— conversando sobre as decisões que cada um tomou ao pontuar e por quê; — analisando alternativas tanto do ponto de vista do sentido desejado quanto dos aspectos estilísticos e escolhendo a que parece melhor entre as possíveis; — observando os usos característicos da pontuação nos diferentes gêneros e suas razões (a grande quantidade de vírgulas/aposições nas notícias jornalísticas como instrumento para condensar o texto, por exemplo); — analisando os efeitos estilísticos obtidos por meio da pontuação pelos bons autores (Brasil, 1998, p.59).

Para os PCN: “a única regra obrigatória da pontuação é a que diz onde não se pode pontuar: entre o sujeito e o verbo e entre o verbo e seu complemento” (Brasil, 1998, p. 59). Com base nessas informações, os sinais de pontuação são reconhecidos como componentes que conectam as frases e organizam a estrutura do texto, além de terem um papel significativo na compreensão e na produção escrita.

Deste modo, a falta ou apresentação de um sinal pode modificar total ou parcialmente o significado pretendido pelo escritor. O envolvimento do professor com a pontuação deve ser sempre colaborativo, desde a alfabetização, é importante que o professor enfatize a relevância dos sinais dentro do texto. Nas turmas que já possuem alfabetização, o ensino desse tema deve ser mais sistemático, portanto:

aconselha-se que, num primeiro momento, sejam explorados o uso do parágrafo, da letra maiúscula no início e do ponto final das frases, as vírgulas enumerativas e o ponto de interrogação nas perguntas. Num momento posterior, recomenda-se o trabalho com a pontuação do discurso direto (dois pontos, travessão etc.) (Silva, 2017, p.43).

Nota-se que lecionar a pontuação não é algo simples, muito menos aprendê-la, as duas tarefas precisam de cuidado e empenho tanto do docente quanto do estudante. A primeira coisa que o professor precisa fazer é verificar a razão do discente ter pontuado de determinada forma, analisando os possíveis estímulos para o uso de respectivos sinais.

De acordo com Silva (2017, p. 43), as diversas formas de pontuar estão vinculadas à tipologia textual ou gênero, ou seja, cada texto tem uma pontuação única: “num texto descritivo ou argumentativo são usados, sobretudo, pontos e vírgulas, além dos parágrafos. Nas narrações com diálogos aparecerão reticências, pontos de exclamação, dois pontos e travessões”.

Sendo assim, o professor deve levar esse conteúdo à classe escolar, analisando qualquer funcionalidade que a pontuação exerce. Ademais, é preciso reconhecê-la como componente para a produção do conteúdo textual.

Em outra perspectiva, é importante ressaltar que há uma diferença entre o ensino dos sinais de pontuação e a prática de pontuar (Silva; Sousa, 2016). Deste modo, o aluno pode entender para que serve os sinais de pontuação, mas na prática não consiga utilizá-los corretamente, devido a ter sido apenas alfabetizado e não letrado. Nesse sentido, Silva e Sousa afirmam que:

desse modo, apreende-se que ensinar a pontuar diferencia-se do ensino dos sinais de pontuação, tendo em vista uma abordagem produtiva pelo viés descritivo em detrimento de um viés unicamente normativo-prescritivo, que mostra a função a partir de regras específicas, desconsiderando a gramática internalizada do aluno e o papel que a pontuação exerce na materialidade linguística por meio dos sujeitos do discurso (Silva; Sousa, 2016, p. 253).

Segundo os autores, cada estudante é único possuindo uma gramática internalizada dentro de si. Observando outro aspecto, alguns estudiosos consideram que os sinais de pontuação são apenas recursos estilísticos, de certa maneira, acabam por ser dispensáveis no momento da comunicação (Silva, 2019). Todavia, é inegável a importância dos sinais de

pontuação no momento da comunicação, evitando assim equívocos que entendimento, duplo sentido, incompreensão, etc. Sabendo disso, Silva (2019) relatou que o desconhecimento de regras de pontuação causa diversos problemas impedindo que o que está escrito seja entendido com total clareza.

Ademais, Bechara (2009) afirma que devemos entender os sinais de pontuações em uma acepção larga e restrita. A primeira vai além dos sinais propriamente dito, abrangendo outros elementos que desempenham papéis importantes, incluindo títulos, rubricas, caracteres, entre outros. Já a segunda é restrita a determinados sinais gráficos, sobre isso o autor acrescenta que:

segundo a concepção restrita, a pontuação é constituída por uns tantos sinais gráficos assim distribuídos: os essencialmente separadores (vírgula [,], ponto e vírgula [;], ponto final [.], ponto de exclamação [!], reticências [...]), e os sinais de comunicação ou “mensagem” (dois pontos [:], aspas simples [‘ ’], aspas duplas [“ ”], o travessão simples [–], o travessão duplo [—], os parênteses [()], os colchetes ou parênteses retos [[]], a chave aberta [{], a chave fechada [}]. Alguns destes dois tipos de sinais admitem ainda uma subdivisão em sinais de pausa conclusa (fundamentalmente o ponto, e depois ponto e vírgula, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, as reticências, quando em função conclusa) e de pausa inconclusa (fundamentalmente pela vírgula, mas também por dois pontos, parênteses, travessão, colchetes, quando em função inconclusa, i. é, quando as orações estão articuladas entre si) (Bechara, 2009, p. 514).

Deste modo, estes sinais gráficos são imprescindíveis para o entendimento e clareza de qualquer texto, e o desconhecimento destes ou uso incorreto acarreta na não compreensão da mensagem que o emissor quer dar ao receptor. Portanto, é imprescindível que os estudantes tenham amplo domínio sobre os mesmos, possibilitando, a compreensão e escrita de textos, independentemente se sejam do tipo textual narrativo, a temática deste trabalho.

1.3 O tipo textual narrativo como ferramenta de ensino dos sinais de pontuação

Desse modo, como esta pesquisa tem o foco no tipo textual narrativo, Nicola e Terra (2005, p. 59) relatam que os tipos textuais possuem características linguísticas distintas: “[...] como classe gramatical predominante, estrutura sintática, predomínio de determinados tempos e modos verbais, relações lógicas”. Nesse sentido, podem ser divididos em: narrativo, descritivo, argumentativo, explicativo ou expositivo, injuntivo ou instrucional.

Sobre as características do tipo textual narrativo, os autores acrescentam que há marcadores de tempo de ações que ocorrem em um determinado lugar, além da predicação verbal, ou seja, a atribuição de processos representados por verbos de ação no tempo pretérito.

Além disso, Soares (2017) relata que: “Em textos narrativos, por exemplo, os parágrafos podem ser construídos a partir das cenas da narrativa – situação inicial, complicação, desenvolvimento, clímax e desfecho”. Um exemplo deste tipo textual é a fábula o “Cavalo e o Burro” (1994) de Monteiro Lobato, na qual, abaixo temos um trecho:

"O cavalo e o burro seguiam juntos para a cidade. O cavalo contente da vida, folgando com uma carga de quatro arrobas apenas, e o burro — coitado! gemendo sob o peso de oito. Em certo ponto, o burro parou e disse:

— Não posso mais! Esta carga excede às minhas forças e o remédio é repartirmos o peso irmanamente, seis arrobas para cada um.

O cavalo deu um pinote e relinchou uma gargalhada.

— Ingênuo! Quer então que eu arque com seis arrobas quando posso bem continuar com as quatro? Tenho cara de tolo?

O burro gemeu:

— Egoísta! Lembre-se que se eu morrer você terá que seguir com a carga de quatro arrobas e mais a minha.

O cavalo pilheriou de novo e a coisa ficou por isso. Logo adiante, porém, o burro tropica, vem ao chão e rebenta.

Chegam os tropeiros, maldizem a sorte e sem demora arrumam as oito arrobas do burro sobre as quatro do cavalo egoísta. E como o cavalo refuga, dão-lhe de chicote em cima, sem dó nem piedade.

— Bem feito! Exclamou um papagaio. Quem o mandou ser mais burro que o pobre burro e não compreender que o verdadeiro egoísmo era aliviá-lo da carga em excesso? Tome! Gema dobrado agora..."

Fonte: (Lobato, 1994)

Já os gêneros textuais preocupam-se com a função comunicativa em cada esfera de utilização da língua, em cada campo de atividade, alterando-se tanto no estilo como na forma (Nicola; Terra, 2005). Nesse sentido, estão intrinsicamente ligados as situações cotidianas e da vida social, e vários gêneros ficaram em desuso enquanto que outros nascem, por exemplo, o gênero carta não é mais utilizado cotidianamente pela maioria das pessoas, todavia, as mensagens eletrônicas via dispositivo celular são indissociáveis da vida atual. Sabendo disso, são incontáveis os gêneros que existem e sobre isso, Travaglia cita alguns exemplos:

[...] romance, novela, conto, fábula, apólogo, parábola, mito, lenda, caso, biografia, piada, notícia, certidão, atestado, mandado, procuração, artigo, tese, dissertação, resenha, tragédia, comédia, drama, farsa, auto, esquete, edital, convite, prece, oratório (sermão, discurso, etc.) (Travaglia, 2018, p. 365).

É importante ressaltar que o tipo textual narrativo está presente em diversos gêneros, sobre isso Coscarelli (2007) afirma que:

é muito comum encontrarmos em livros didáticos a caracterização de tipos textuais como a narrativa, por exemplo, como essas podendo ser divididas em situação inicial, conflito, clímax e desfecho; e a dissertação como introdução, desenvolvimento e conclusão. Não temos nada contra isso. O problema é que normalmente não se discute, nesses materiais, que os tipos textuais – narrativo, dissertativo, descritivo, injuntivo, explicativo – não costumam aparecer isoladamente nos gêneros textuais, nem que a ordenação das suas partes é flexível ou que alguma delas pode não aparecer no texto de forma convencional e, além disso, não se discute que existam diferentes maneiras de essas categorias se apresentarem dependendo do gênero textual em que serão usadas. Uma reportagem, por exemplo, pode trazer descrições, narrações e costuma ser dissertativa. Percebe-se, nesse caso, que as sequências tipológicas se misturam para formar um gênero e que não há uma sequência pré-determinada e fixa em que isso acontece (Coscarelli, 2007, p. 81).

Desse modo, Marcuschi (2016) considera que o tema dos gêneros textuais foi proeminente na pesquisa brasileira durante as últimas décadas. Esta ênfase é principalmente na discussão do ensino da língua materna. Além disso, os gêneros textuais por sua tamanha importância também são citados pelos PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998).

Por esta perspectiva, é importante ressaltamos que a linguagem se trata de uma atividade humana que está em movimento dinâmico, adotando diferentes maneiras para exercer sua finalidade comunicativa e interativa. Desse modo, acaba se vinculando aos gêneros textuais. Como resultado, os PCN também explanam que a linguagem é uma ação discursiva, no qual tem o texto como ferramenta de aprendizagem (Marcuschi, 2016).

Perante essas afirmações, Bagno (2015) afirma que mesmo falando português, frequentar a escola para se aprimorar na Língua Portuguesa é essencial, pois, conhecimentos mais difíceis de adquirir carecem de mais empenho. Portanto, falar faz parte do conhecimento natural do sujeito, bem como o ato de respirar, enxergar e até mesmo ouvir.

Não obstante, o aprendizado do tipo textual narrativo é imprescindível para o processo de alfabetização e letramento. Logo, é interessante ressaltar que: “ler e escrever são práticas socioculturais que exigem um aprendizado relativamente longo e contínuo para que o aprendiz se apodere delas a ponto de exercê-las com habilidade e destreza” (Bagno, 2015, p. 29). Em uma perspectiva semelhante os sinais de pontuação são uma ferramenta indispensável neste processo de aprendizado, acerca disto, Silva retrata que:

entendemos que o ensino dos usos dos sinais de pontuação contribui também para o bom êxito de práticas de letramento, ao possibilitar que os indivíduos possam refletir

quanto a modos de organização de seus textos, a fim de conseguir alcançar seus objetivos comunicativos. E esses objetivos podem ser alcançados, em diferentes situações, não apenas por meio da observância às regras de pontuação, mas também por meio da subversão dessas regras (Silva, 2019, p. 14-15)

Nesta perspectiva, o tipo textual narrativo também é uma ferramenta importante para o professor ao ensinar os sinais de pontuação. Desse modo, Silva (2019) declara que a pontuação é um aspecto essencial da escrita, devendo ser usada corretamente para que atenda os propósitos comunicativos do autor. Deste modo, só haverá uma comunicação eficiente se o leitor entender a mensagem da qual o texto quer repassar.

Por consequência, os alunos irão conseguir utilizar estes conhecimentos nas mais diversas atividades que perpassam o âmbito escolar, incluindo situações do cotidiano. Sob esse prisma, os falantes tendem a compreender a vasta variedade linguística e como utilizá-la em diferentes situações (Bagno, 2015).

2. METODOLOGIA

Ao lecionar sobre os sinais de pontuação, em sala de aula, é comum que o docente foque em apenas dois fatores: oralidade e gramática. Dessa forma, é necessário averiguar como esses fatores atingem o processo de ensino.

Todavia, entende-se que a norma padrão é imprescindível e se orienta pela gramática normativa; contudo, a escola, não pode ignorá-la, mas deve considerá-la criticamente, considerando a variedade da linguagem, há contextos em que o discente deve utilizar a variedade padrão de linguagem. Desse modo, um dos objetivos principais da escola é promover a letramento, isso é feito tornando o aluno capaz de ler, escrever e reproduzir a língua.

Esse conceito promove uma exploração de textos de forma que essa experiência facilite a compreensão do aluno sobre as funções e finalidades da linguagem, em suas diversas formas, sob esse prisma temos o tipo textual narrativo. Como resultado, essas práticas também incluem a concepção de um sujeito que participa das atividades de linguagem e tende a se inserir na edificação do seu cognitivo, definição essa que se fundamenta nas interações sociais (Vigotski, 2015).

2.1 Universo e amostra

Escolheu-se nesta investigação e como universo e amostra uma turma do 6º ano do ensino fundamental, anos finais, porque entendeu-se que os estudantes tinham alguma precisão na escrita, logo, provavelmente, conhecimentos para pontuar um texto. Assim, pretendeu-se, também, com este trabalho, colaborar para o ensinamento e aprendizagem de pontuação, o qual foi essencial para a assimilação e elaboração dos textos, além do ensino dos conceitos e características da tipologia textual em questão.

O evidente projeto investigou o tipo textual narrativo e a aplicação de sinais de pontuação na produção textual dos alunos do 6º ano da escola Abraão Barros Rodrigues. Desse modo, este trabalho se fundamentou em pesquisas bibliográficas, Marconi e Lakatos (2003) descrevem que é o principal passo em qualquer pesquisa, pois é necessário ter um conhecimento prévio acerca da temática antes da prática em si.

Sabendo disso, esta pesquisa aconteceu na escola da rede pública municipal Abraão Barros Rodrigues, localizada no Povoado Juçaral do Capistrano, Zona Rural – Santa Inês - MA. Ademias, o grupo alvo foram os alunos do 6º Ano do Ensino Fundamental.

Primeiramente, lecionei uma aula expositiva sobre os principais sinais de pontuação: ponto final e contínuo, reticências, exclamação, dois pontos, ponto e vírgula, travessão, aspas, vírgula, parênteses e interrogação. Posteriormente, expliquei as características do tipo textual narrativo, por fim finalizei com a leitura da fábula “A Ovelha Negra” de Calvino Ítalo.

Não obstante, houve uma mudança na metodologia que eu tinha planejado, tendo em vista que eu iria passar o questionário para os estudantes e só depois iria lecionar a aula como forma de fixação e revisão acerca do tema. Todavia, quando questionei os mesmos se conheciam o assunto, disseram que não. Deste modo, percebi que o problema era mais profundo do que anteriormente eu considerava. Devido a isso, primeiro lecionei a aula e por conseguinte entreguei o questionário, conforme veremos mais adiante.

2.2 Coleta de Dados

A coleta dos dados ocorreu, através de um questionário com 3 questões. A primeira consistia em completar as frases com os sinais de pontuações corretos, eram 5 frases para ser mais exato. A segunda questão consistiu em conceituar os seguintes sinais de pontuação: ponto final e contínuo, reticências, exclamação, dois pontos, ponto e vírgula, travessão, aspas, vírgula, parênteses e interrogação.

A última questão pedia aos alunos para produzirem um texto narrativo, independentemente do gênero a que pertença, fábulas, romance, novelas e outros. Portanto, os discentes tiveram a oportunidade de produzir e pontuar um texto, isto é, de acordo com seus conhecimentos. A quantidade mínima de linhas eram 10.

Por fim, com as respostas coletadas, na primeira questão analisei se os estudantes estavam utilizando corretamente os sinais de pontuação. Na segunda questão verifiquei se aprenderam o conceito dos sinais de pontuações apresentados na aula. Já na produção textual, analisei a narrativa, a criatividade, a pontuação, os possíveis erros ortográficos e como fatores externos como a escola influenciava nesta escrita.

Desta forma, o questionário acatou as diretrizes e códigos de ética delimitados para garantir a legalidade, privacidade e confidencialidade das informações, tornando público apenas os resultados desta pesquisa e levando em consideração a elaboração deste trabalho. Acerca do questionário como fonte de pesquisa Gil afirma que:

pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses,

expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado. Os questionários, na maioria das vezes, são propostos por escrito aos respondentes. Costumam, nesse caso, ser designados como questionários auto aplicados. Quando, porém, as questões são formuladas oralmente pelo pesquisador, podem ser designados como questionários aplicados com entrevista ou formulários (Gil, 2008, p. 121)

Assim, foi indiscutível que o questionário é uma importante ferramenta de pesquisa. Sabendo disso Lakatos e Marconi (2003) afirmam que os questionários podem ter questões abertas, fechadas e mistas. A primeira permite o informante responder livremente. A segunda, os informantes escolhem uma(s) opção. Já o questionário misto é a união de ambos, contendo tanto perguntas abertas como fechadas. Nesta pesquisa utilizaremos apenas o questionário aberto. Acerca deste tipo, Gil relata que:

nas questões abertas solicita-se aos respondentes para que ofereçam suas próprias respostas. Pode-se perguntar, por exemplo: "Qual é no seu entender o maior desafio que o SUS deverá enfrentar nos próximos anos?", oferecendo espaço para escrever a resposta. Este tipo de questão possibilita ampla liberdade de resposta. Mas nem sempre as respostas oferecidas são relevantes para as intenções do pesquisador. Há também dificuldades para sua tabulação (Gil, 2008, p. 122).

Depois de coletadas as respostas foram feitas as interpretações dos dados obtidos, para que assim fizesse uma pesquisa de cunho qualitativo. Na parte de análise de dados, também contarei como foi a recepção e assimilação dos estudantes em relação ao tipo textual narrativo e aos sinais de pontuação. Por fim, analisou-se as produções escritas dos estudantes, observando se os mesmos utilizaram corretamente os sinais de pontuação.

3. A APLICABILIDADE DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO: análise dos dados coletados

3.1 Análise introdutória da turma do 6º ano da Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues

Eu, Joyce Aline de Araújo Silva, no dia 19 de setembro de 2023, fui na Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues, apliquei um projeto na turma do 6º ano com o assunto a aplicabilidade das pontuações na produção textual através do tipo textual narrativo, a turma do 6º ano do ensino fundamental é composta por 14 alunos, com faixa etária entre 11 e 14 anos. A variação quanto as idades são referentes as reprovações em anos anteriores. É uma turma um pouco inquieta.

Desse modo, percebi que alguns alunos trazem problemas de casa, e isso refletia em seu comportamento em sala de aula. Isso inclui durante as aulas, mencionarem palavras grosseiras, com muita falta de respeito, e a falta de interesse em relação à disciplina. Pois, tais comportamentos refletem na criação que os mesmos possuem, e muitas das ações que realizam na sala de aula, provavelmente, são reflexos do ambiente em que vivem.

Os alunos, durante o intervalo de aula, saem da sala e ficam transitando pelos corredores e durante a aula pedem toda hora para tomar água e ir ao banheiro, e por isso se perde boa parte da aula, este fato acaba por prejudicar o aprendizado, tendo em vista que não assistem a uma aula completa. Nesse sentido, nós como professores devemos buscar metodologias inovadoras que chamem a atenção dos estudantes, para que assim não possam achar a aula entediante e tenham comportamentos como estes (desabafo meu, professora pesquisadora).

Um fato que, também, observei foi que entre os 14 alunos da sala de aula, 6 não sabiam ler, e 3 apresentavam déficit de aprendizagem. Deste modo, torna-se imprescindível a figura de profissionais de saúde mental na escola e também de cuidador escolar auxiliando os professores, pois esses trariam apoio emocional e social para o corpo escolar, segundo Voltolini:

outro ponto importante de problematização do modelo de relação complementar entre a saúde mental e a escola vem do fato de que a lógica discursiva que estabelece cada uma delas é diferente. A lógica médica da saúde mental, que preside o funcionamento discursivo desse modelo, mesmo que ele seja composto de vários profissionais, médicos, psicólogos, fonoaudiólogos e afins, é biologizante em suas premissas. Ela não entra no universo escolar apenas oferecendo um instrumento, o remédio no caso, para ajudar os professores em seu trabalho. Ela trará consigo exigências peculiares quanto ao modo de se compreender os fenômenos (Voltolini, 2016, p. 88).

Contudo, percebeu-se que a escola investigada não conta com esses profissionais. No que concerne a isso, o professor acaba que assumindo este papel em muitos casos, e as vezes

realiza atividades que deveriam ser feitas pela família. Este abandono e descaso com os estudantes, em relação a saúde mental interfere diretamente no ambiente da escola.

Em outro aspecto, quando lecionei o assunto de pontuação foi nítido que estes ficaram com bastante dificuldades, haja vista as dificuldades que apresentam em leitura. Deste modo, alguns só sabiam copiar do quadro ou de algum livro didático, percebemos assim que apesar de alfabetizados muitos não são letrados.

Neste aspecto, ambos os processos são importantes, sob esse prisma, a alfabetização consiste no domínio do sistema alfabético da língua, conseqüentemente, permitir o aluno adquirir as habilidades de leitura e escrita. Já o letramento de compreender e interpretar os mais diversos textos, ou seja, vai além de uma leitura superficial, englobando o pensamento crítico de cada estudante (Soares, 2004). Neste aspecto a autora assevera que:

o professor trabalha letramento realizando leituras de diferentes gêneros textuais aos alunos. Chamamos a atenção para os diferentes tipos de textos, pois constatamos, hoje, o equívoco de que literatura infantil ou infanto-juvenil sejam sinônimos de letramento. Letrar é uma tarefa extremamente ampla que, por definição, envolve habilidades múltiplas de ler, interpretar e produzir textos adequados às exigências sociais. Assim, em princípio, tal atividade engloba os mais diferentes gêneros textuais, portanto é atitude ingênua pensar que, lendo apenas histórias infantis, poemas ou parlendas, iremos letrar alguém (Soares, 2004, p. 136).

Neste aspecto, foi possível perceber na citação de Soares (2004) que os diversos tipos e gêneros textuais são imprescindíveis para a eficiência do processo de ensino, envolvendo tanto a alfabetização como o letramento. Por este lado, não podemos menosprezar ou diminuir a habilidade de ler, pois é mais complexa do que imaginamos, sob o aspecto, está englobada e adequada às exigências sociais.

3.2 Aplicação e análise do questionário na turma

Durante a aplicação do questionário a turma se empolgou em responder as questões, foi a partir daí que pude ver a dificuldade, alguns tentaram responder de acordo com sua individualidade e interesse e algumas respostas tornaram visível o porquê de muitos comportamentos em sala de aula, ressaltando a importância dos questionários nessa fase.

Por conseguinte, fiz a regência sem a presença do professor, o mesmo não esteve presente por motivos pessoais, observei que alguns alunos estão muito atrasados em relação ao conteúdo de língua portuguesa. Essa problemática não era específica de apenas um grupo isolado da sala. Assim sendo, notei dificuldades na escrita e leitura dos mesmos, todavia, também havia alunos que se destacam. Outro ponto negativo foi que ninguém conhecia o

assunto e que não sabiam criar um texto elaborado segundo as normas formais da língua portuguesa.

Por esse aspecto, eu tive que mudar a metodologia, tendo em vista que, a priori, passaria o questionário para eles acerca dos sinais de pontuação e sobre o tipo textual narrativo, depois disso, lecionaria a aula acerca da temática servindo como uma forma de fixação do conteúdo. Contudo, devido os alunos desconhecerem o uso e funções dos sinais de pontuação, além de não estarem familiarizados com a escrita de texto, primeiramente lecionei o conteúdo do assunto em questão, por conseguinte, passei o questionário.

Durante a regência das aulas, a maior parte dos alunos estavam atentos, mas sempre há aquele grupo, no qual, de alguma forma não presta atenção na aula ou ficam desatentos em determinados momentos. Deste modo, expliquei com calma, perguntei se eles conheciam o assunto, falaram que não, então iniciei a explicação e as atividades, julguei que acharam a aula interessante. Sabendo disso, aplicou-se a primeira questão:

1. Complete as frases com os sinais de pontuação corretos.

- Ana ___ Maria ___ João e Beto acabaram de sair.
- Será que ela quer um doce ___
- No fim ___ gritou de alegria: ___ Ganhei ___
- Ele ___ o cozinheiro mais simpático que conheço ___ fez o melhor hambúrguer que alguma vez tinha comido.
- A menina estava com muito medo, por isso gritou: socorro ___

Fonte: autor

Nesta questão os alunos deveriam completar as frases com sinais de pontuações, a maior parte conseguiu ir bem nesta questão, todavia, alguns não conseguiram usar corretamente como podemos ver nos exemplos abaixo:

1. Complete as frases com os sinais de pontuação corretos.

- Ana ; Maria ; João e Beto acabaram de sair.
- Será que ela quer um doce ;
- No fim “?” gritou de alegria: . Ganhei –
- Ele ^ o cozinheiro mais simpático que conheço j fez o melhor hambúrguer que alguma vez tinha comido.
- A menina estava com muito medo, por isso gritou: socorro _

Fonte: autor

Podemos perceber que mesmo depois da aula ministrada, acerca de pontuação, alguns alunos usaram sinais de forma errada, e no exemplo anterior ficou notório o uso inadequado dos pontos e vírgulas, além do ponto final, travessão e interrogação.

Desta forma, pode-se observar que na frase “Ana; Maria; João e Beto acabaram de sair” há o uso incorreto do ponto e vírgulas (;), que segundo Bechara (2009, p. 520) este sinal de pontuação: “representa uma pausa mais forte que a vírgula e menos que o ponto”. Por consequência, não havia a necessidade de usar uma pausa tão grande no momento de citar as pessoas que acabaram de sair segundo o contexto apresentado. A forma correta seria a utilização de vírgula (,) conforme a frase: “Ana, Maria, João e Beto acabaram de sair”. Acerca do uso incorreto das vírgulas, Marmentini e Vanzing afirmam que:

no dia a dia, os problemas de pontuação são comuns, pois há a desatenção ou a falta de conhecimento. O uso incorreto dos sinais de pontuação, em especial, da vírgula, por vezes, acaba transmitindo uma mensagem distinta da que o emissor teria desejado apresentar. Seja por inobservância proposital, para que a mensagem fique ambígua, seja erro por descuido, transmitindo mensagem distinta da desejada, o fato é que, cada vez mais, leem-se em outdoors, em campanhas pela internet, na televisão e em outros meios de comunicação, muitos textos com problemas de pontuação (Marmentini, Vanzing, 2013, p. 151).

Este não uso da vírgula, também, está presente no trecho: “No fim “?” gritou de alegria: . Ganhei –”. Sabendo disso na resposta do estudante, percebemos que ele colocou um ponto de interrogação entre aspas “?”, tornando se muito confuso a interpretação do texto. Nesse sentido Silva (2019, p. 16) relata que: “a não indicação ou a indicação equivocada dessas pausas e interrupções pode comprometer o sentido de um texto e, assim, inviabilizar a comunicação que se poderia construir a partir dele”.

Além disso, há o uso incorreto do ponto final em seguida de dois pontos e também do travessão: “No fim “?” gritou de alegria: . Ganhei –”. Nesta perspectiva, sobre o travessão Bechara (2009, p. 520) relata que: “pode indicar ainda a mudança de interlocutor, na transcrição de um diálogo, com ou sem aspas”. Em consonância, não há sentido no contexto apresentado de colocá-lo no final da frase.

Ademais, a única frase que foi pontuada corretamente por todos os alunos foi “será que ela quer um doce?”, deste modo, Bechara (2009, p. 516) afirma que esta: “põe-se no fim da oração enunciada com entonação interrogativa ou de incerteza, real ou fingida, também chamada retórica”. Assim sendo, realizamos as perguntas através da entonação de nossa voz, possibilitando o ouvinte o entendimento do enunciado, todavia na escrita torna-se necessário o sinal gráfico.

Já na frase “Ele ? o cozinheiro mais simpático que conheço; fez o melhor hambúrguer que alguma vez tinha comido”, é possível notar o uso incorreto da interrogação e do ponto e vírgula. Contudo, devemos ressaltar que o uso do ponto e vírgula (uma pausa maior) e da vírgula em si (uma pausa menor) em muitos casos o que vai definir a utilização de um ou de outro é o contexto.

Por fim, a última frase “A menina estava com muito medo, por isso gritou: socorro_” aluno em si deixou em branco onde deveria estar o sinal de exclamação. Em relação a isso, podemos teorizar motivos dos quais o aluno não respondeu, podendo ser porque não sabia o que colocar, pressa em responder e/ou desatenção acerca da questão etc. Sobre esse sinal de pontuação Bechara (2009, p. 517) relata que: “põe-se no fim da oração enunciada com entonação exclamativa”.

Ao analisarmos os questionamentos, constatamos que nenhum aluno acertou todos os sinais de pontuação, usando a norma formal da língua portuguesa, que é tão importante não só na educação básica, mas em todas as esferas de nossas vidas. Contudo, percebeu-se que 6 alunos erraram apenas um dos sinais nesta questão. Um resultado satisfatório de certa forma, tendo em vista que desconheciam o assunto, e eu tinha dado apenas aquela aula.

Não obstante, um erro comum dos estudantes é fazer a leitura de um texto sem fazer as devidas pausas nos sinais de pontuação ou entonações necessárias nos momentos de perguntas, tendo uma leitura “corrida”. Este fator também refletiu na escrita dos estudantes quando analisamos as produções textuais.

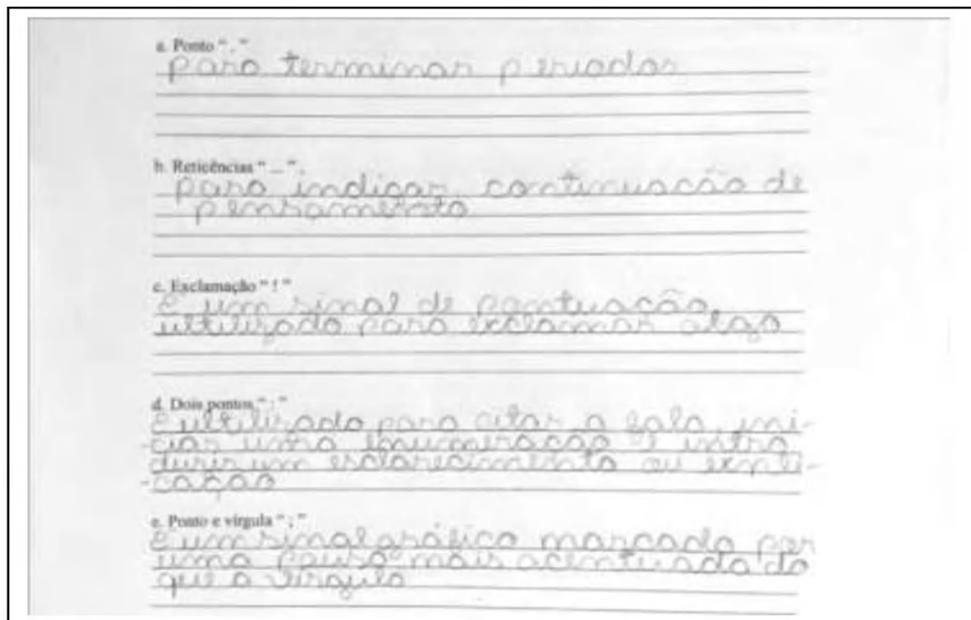
Através do aprendizado dos sinais de pontuação, os alunos conseguiram não somente escrever um texto do tipo textual narrativo, como conseguiram se comunicar verbalmente com

clareza e precisão. Sabe-se que, a pontuação faz parte do entendimento do texto, Bechara afirma que:

o enunciado não se constrói com um amontoado de palavras e orações. Elas se organizam segundo princípios gerais de dependência e independência sintática e semântica, recobertos por unidades melódicas e rítmicas que sedimentam estes princípios. Proferidas as palavras e orações sem tais aspectos melódicos e rítmicos, o enunciado estaria prejudicado na sua função comunicativa. Os sinais de pontuação, que já vêm sendo empregados desde muito tempo, procuram garantir no texto escrito esta solidariedade sintática e semântica. Por isso, uma pontuação errônea produz efeitos tão desastrosos à comunicação quanto o desconhecimento dessa solidariedade a que nos referimos (Bechara, 2009, p. 515).

Sob esse prisma, uma pontuação errônea acaba por dificultar a compreensão de qualquer texto, além de abrir “brechas” para possíveis interpretações, como no caso de ambiguidades e equívocos na comunicação, alterando até mesmo um significado de uma frase. Todavia é importante ressaltar que há gêneros literários que usam a pontuação de maneira única, perpassando a formalidade.

Por conseguinte, na segunda pergunta do questionário que consistia em definir o conceito dos principais sinais de pontuação: ponto final e contínuo, reticências, exclamação, dois pontos, ponto e vírgula, travessão, aspas, vírgula, parênteses e interrogação. Após a aula que lecionei, a maioria dos alunos conseguiram responder essas questões, alguns dos quais fizeram anotações das informações que eu coloquei no quadro, por este aspecto poucos colocaram em si uma resposta pessoal sobre os conceitos em si. Este fato nós podemos perceber no exemplo abaixo:

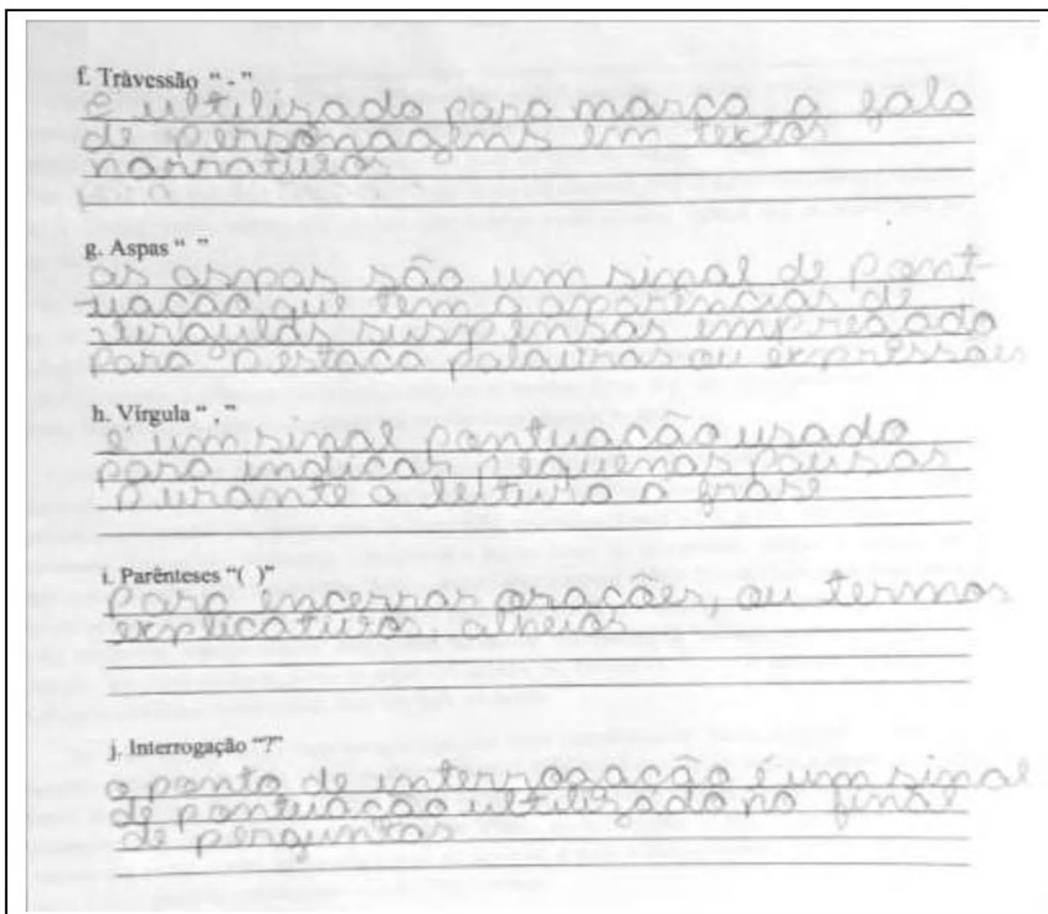


Fonte: autor

Ao analisarmos o exemplo acima, vemos alguns dos conceitos dos quais o estudante colocou:

- Ponto: para terminar períodos
- Reticências: para indicar continuação de pensamentos
- Exclamação: É um sinal de pontuação utilizado para exclamar algo.
- Dois pontos: utilizado para citar a fala, iniciar uma enumeração e introduzir um esclarecimento ou explicação.
- Ponto e vírgula: É um sinal gráfico marcado por uma pausa mais acentuada do que a vírgula.

Na segunda folha, os conceitos foram os seguintes:



Fonte: autor

Deste modo, fazendo a transcrição feita da resposta do aluno temos os seguintes conceitos:

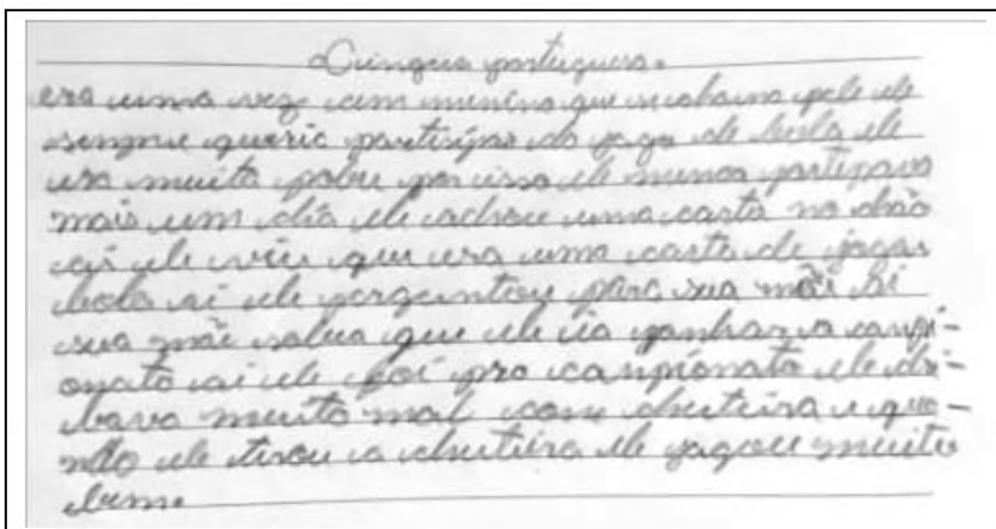
- Travessão: É utilizada para marcar a fala de personagens em textos

- Aspas: É um sinal de pontuação que tem aparência de vírgulas suspensas, empregadas para destacar palavras ou expressões
- Vírgula: É um sinal de pontuação usado para indicar pequenas pausas durante a leitura da frase.
- Parênteses: Para encerrar orações, ou termos explicativos alheios.
- Interrogação: O ponto de interrogação é um sinal de pontuação utilizado no final de perguntas.

Percebemos que a maior parte das respostas dos alunos foram um “Control C + Control V”, tendo em vista que as respostas estavam idênticas ao assunto da sala de aula. Sob essa perspectiva, os estudantes não estavam usando o pensamento crítico em si, sendo apenas meros repetidores de informações. Este fato nos leva a reflexões que muitas vezes o aluno pensa que copiar ou decorar a informação em sala de aula consiste em aprendizado. Todavia, sabemos que o conceito de aprender é mais abrangente do que isso.

Por consequência, embora a memória seja essencial no processo de aprendizagem, não é o pilar central, pois precisa contextualizar informações para que assim possa aplicar em situações do mundo real. Logo, a aprendizagem consiste em um processo que é contínuo e está sempre em evolução (Ferracioli, 1999).

Por fim, terceira e última questão do questionário consistia em pedir aos para que criassem um texto narrativo de no mínimo 10 linhas, a temática seria livre. Assim, antes da realização da atividade, expliquei as características do tipo textual narrativo, e também fiz a leitura da fábula “A Ovelha Negra” de Calvino. A seguir temos algumas produções dos estudantes:



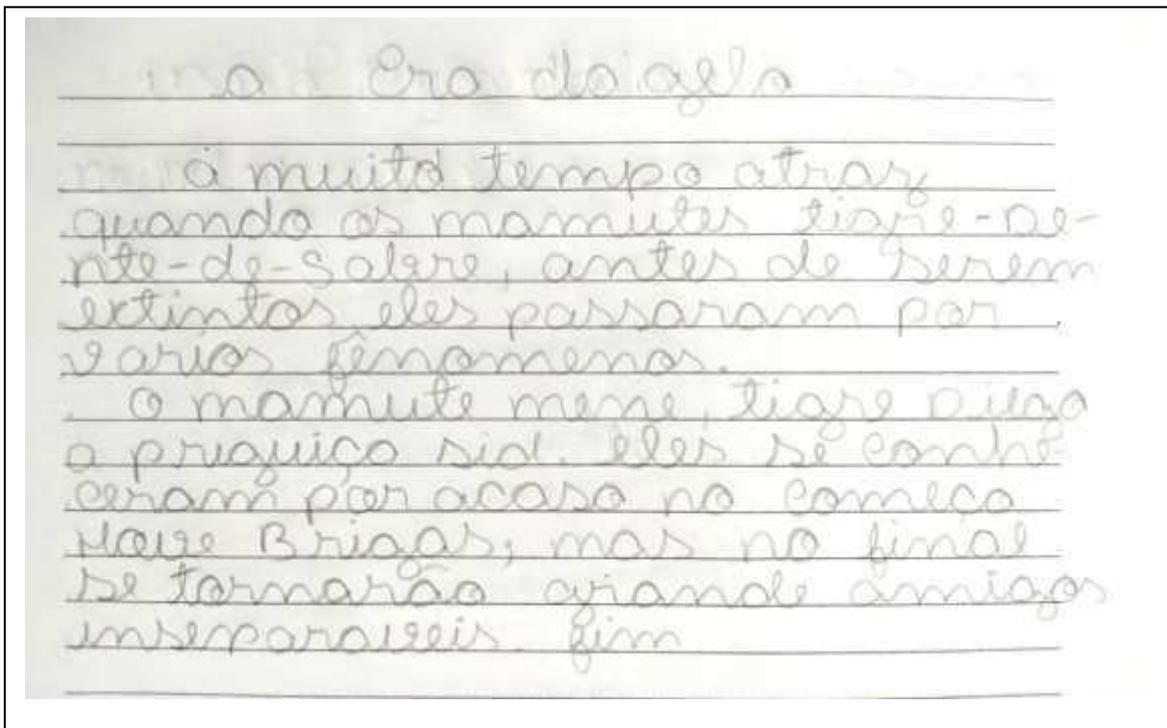
Fonte: autor

Ao analisarmos o texto percebemos que o estudante não iniciou com letra maiúscula, e também, não utiliza sinais de pontuação, fazendo com que o leitor pontue intuitivamente, exceto pelo ponto final, o único utilizado. Sob esse prisma, o conteúdo da história é sobre um menino que queria participar do (de um) “jogo de bola”, essa expressão é, coloquialmente, utilizada para se referir a uma partida de futebol.

Retomando a narrativa, por ser muito pobre nunca participava, mas um dia viu uma carta no chão, a carta era sobre “jogar bola”, depois ao relatar isso a sua mãe, esta sabia que o menino ganharia o “campeonato” (pronúncia coloquial de campeonato). E durante a competição o garoto driblava muito mal devido estar utilizando chuteiras, mas ao tira-las seu desempenho melhorou grandemente. Também é constante a presença da expressão “aí” remetendo a um vício de linguagem muito comum em nossa região maranhense.

Além desta análise gramatical, podemos fazer uma análise interpretativa, pois este texto é um retrato social de muitos meninos do nosso país que sonham em ser jogador de futebol como forma de acessão social, mas devido a fatores como condição financeira, acabam por não conseguir realiza-los.

Aqui temos outra produção realizada pelos estudantes:



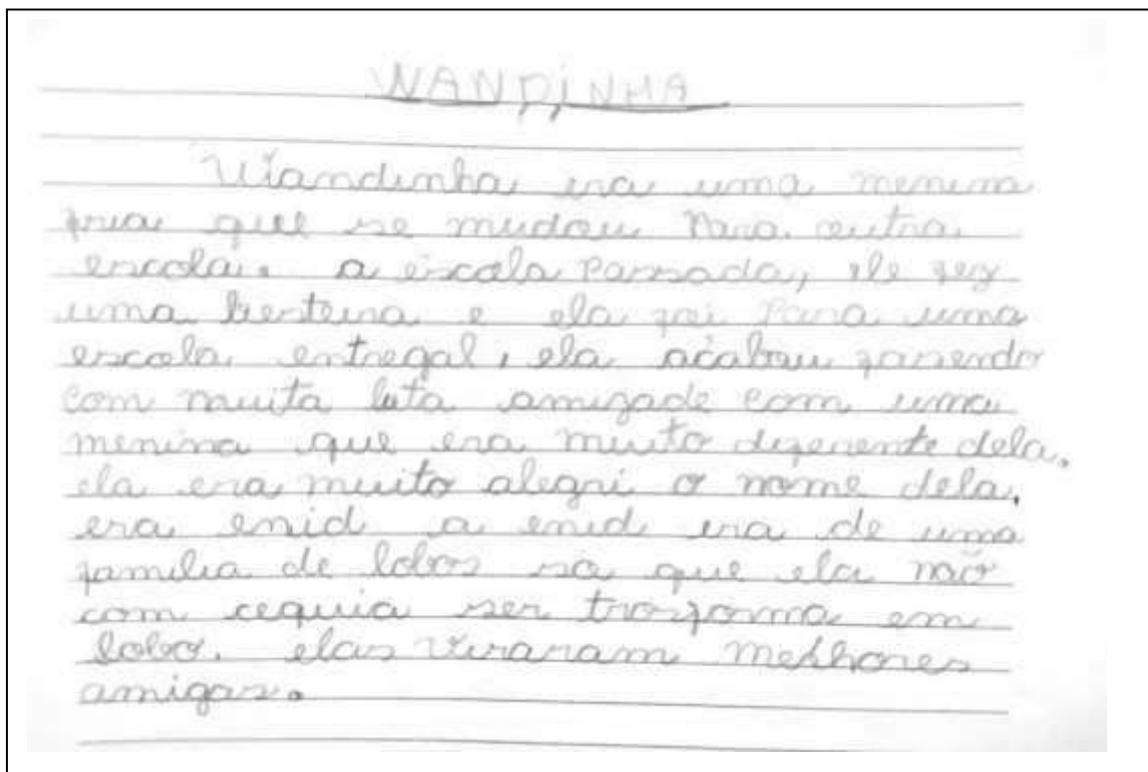
Fonte: autor

Ao contrário do primeiro texto, aqui o estudante colocou o título. Semelhantemente, também não iniciou com letra maiúscula no início dos parágrafos. Além disso, é possível identificar erros ortográficos e de acentuação como: atraz, varios, fenômenos, hove. Ademais, o aluno confundiu o tempo passado “tornaram” com o tempo futuro “tornarão”. Todavia, como algo positivo, o estudante faz uso de alguns sinais de pontuação como vírgulas e pontos finais, ajudando na compreensão do texto, diferentemente do texto passado.

É interessante acrescentar que a história apresentada faz referência a um desenho animado que também possui como nome “era do gelo”, citando alguns personagens como: Sid, Manny (a escrita está incorreta Mene) e o Diego. Desse modo, é notório como a indústria cinematográfica influencia as crianças, justamente, devido a tecnologia está presente, e muitas destas crianças gastam muitas horas diárias em frente a televisão.

Essa problemática faz com que muitas crianças percam o prazer na leitura em si, os estudantes preferem assistir algo nas plataformas digitais, ao invés de realizar alguma leitura de um livro, estes fatores influenciam diretamente em sistemas de avaliações, como o PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes).

Concomitantemente, a próxima história também aparece a influência desse conteúdo digital proporcionado através de filmes, séries, desenhos dentre outros.



Fonte: Autor

Apesar de estar apenas no 6º ano, o estudante em questão possui uma letra bem legível. Em relação a história apresentada é baseada em uma série muito popular entre as crianças “Wandinha”. Ao analisarmos gramaticalmente notamos que apesar de usar alguns sinais de pontuações, há alguns “erros” como não iniciar com letra maiúscula depois de pontos contínuos, além da escrita incorreta de algumas palavras, não iniciar com letra maiúscula em nomes próprios, especificamente.

Todavia, este trabalho não visa analisar gramaticalmente as narrativas dos estudantes, mas sim, visualizar a aplicabilidade dos sinais de pontuação na produção textual através do tipo textual narrativo nas turmas do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues.

Ao analisarmos todos os textos, contabilizamos que 4 alunos não fizeram a narrativa, alguns textos estavam inteligíveis, quase sem pontuação ou nexos entre as partes, e também havia muitos erros ortográficos. Entretanto, mesmo nestes casos, é incrível ver a capacidade criativa dos estudantes, contando suas histórias na perspectiva que enxergam o mundo. Outro aspecto importante de ser citado é que eles escrevem os textos da maneira como falam, ou seja, transcrevem a oralidade para o papel, colocando expressões do cotidiano. Sobre essa oralidade, Zilberman afirma que:

oralidade é o modo mais notório da relação entre o nome e a coisa, mas a escrita, originalmente, não tem como objetivo romper essa unidade. A oralidade é igualmente expressão mais credenciada da memória, conforme o estudo sobre o narrador, aproximando não apenas as palavras e os seres, mas também as pessoas, falantes e ouvintes (Zilberman, 2006, p. 121-122)

Não podemos rotular a oralidade como algo ruim, mas torna-se importante acrescentar que o aprendizado da norma padrão também é essencial. Ademais, eu poderia citar outras histórias interessantes, mas seria enfadonho analisar todas. Este pouco tempo que fiquei com eles me possibilitou um grande aprendizado. Dessa forma, independentemente de ter erros ortográficos ou de acentuação, não podemos menosprezar ou diminuir as produções destes estudantes.

Por isso, a importância da leitura não se restringe apenas ao tipo textual narrativo, abrangendo os diversos gêneros textuais. Desta maneira, essa prática leitora possibilitará um desenvolvimento significativo na compreensão e escrita de textos, e conseqüentemente na melhora do uso da pontuação. Sob esse prisma, Silva retrata que:

o exercício de leitura dos diversos gêneros textuais, como, por exemplo, o poema ou a poesia, a letra de música, poderá fazer com que o estudante perceba não apenas as

regras de uso dos sinais de pontuação, mas também a subversão de alguma regra relacionada ao emprego adequado dos sinais de pontuação num texto específico (Silva, 2019, p. 144).

Em outra perspectiva, em relação a estrutura da Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues possuem uma boa infraestrutura, mas tem que passar por uma nova reforma, as salas estão com pouca ventilação, as carteiras estão completas. A recepção da diretora foi maravilhosa, super gentil, me direcionando à sala de aula, me apresentou e em seguida me apresentei, os alunos me receberam bem, gostei dessa experiência, porque é sempre um aprendizado e agrega na minha formação como docente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa que tem com título a aplicabilidade dos sinais de pontuação, através do tipo textual narrativo, na produção textual dos alunos do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues, visou responder a seguinte pergunta: Como o tipo textual narrativo pode ser utilizado para o ensino dos sinais de pontuação?

Como sugestão da utilização desta tipologia textual para o ensino de pontuação, foram lecionadas aulas interligando textos narrativos com o uso correto dos sinais de pontuação, destacando como a pontuação era feita e qual sentido que a mesma trazia. Deste modo, tornou-se necessário acrescentar que os sinais de pontuação são essenciais na comunicação escrita para que haja entendimento pleno da mensagem proposta. Por este aspecto, foi abordado o tipo textual narrativo como uma ferramenta no ensino destes sinais gráficos, importantíssimos na escrita de qualquer texto, para que assim haja uma perfeita comunicação entre o emissor e o receptor da mensagem.

Ademais, como método de obtenção de dados foi utilizado um questionário contendo questões acerca da problemática utilizada, dessa maneira, através dos dados coletados, das observações e análises dos questionários percebeu-se que há muita dificuldade dos alunos do 6º ano da escola Abraão Barros Rodrigues, em relação a pontuação, tendo em vista que os alunos escreviam sem os sinais gráficos, e muitas vezes utilizava-os de forma incorreta.

Deste modo, é necessário pensar em ferramentas e metodologias efetivas que possam tornar o ensino de gramática mais eficiente, para que os alunos possam compreender o uso dos recursos gráficos que a língua portuguesa possui. Ademais, a leitura deve ser incentivada para os mesmos, a implementação de uma biblioteca seria uma ação coerente para estes estudantes que possuem dificuldades na leitura e escrita.

É interessante acrescentar que apesar dos erros de pontuação cometido pelos estudantes, muitas das produções textuais deles, acabam por mostrar realidades em que o processo de alfabetização e letramento não estão sendo eficientes. Ademais, cada um trouxe uma história diferente, colocando no papel aquilo talvez para o leitor não faça tanto sentido, ou que não está muito bom, mas cada produção daquelas contém um mundo inteiro, pois não devemos ter apenas um olhar coletivo para os estudantes, como também um olhar individual, incentivando as particularidades de cada um.

Em relação ao objetivo geral, foi cumprido, tendo em vista que se investigou o tipo textual narrativo e a aplicação de sinais de pontuação na produção textual dos alunos do 6º ano

do ensino fundamental anos finais. Através desta investigação foi possível reunir os dados que consiste nesta pesquisa.

Sendo assim, os objetivos específicos também foram cumpridos, pois: mostrou-se um breve resumo da evolução da escrita em relação ao trajeto da pontuação; houve a descrição das relações entre a pontuação na Língua Portuguesa a aspectos ligados à textualidade; foi apresentado o tipo textual narrativo como ferramenta de ensino dos sinais de pontuação; por fim, analisou-se as respostas dos estudantes acerca dos questionários.

Nesta perspectiva, o questionário possibilitou vermos uma situação preocupante em relação a escola pública investigada, tendo em vista nas dificuldades dos alunos de acentuar corretamente os textos propostos. O lado positivo desta investigação se encontrou na criatividade dos estudantes nas produções textuais, apesar dos textos não seguirem a norma formal da língua portuguesa. Deste modo, toda a experiência obtida com esta pesquisa serviu para que eu enxergasse na prática alguns dos problemas educacionais.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss**. 5. ed. São Paulo: Publifolha, 2017.
- BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37ª Edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- CAGLIARI, Luiz. **Alfabetização & Linguística**. 1 ed. São Paulo: Scipione, 2009.
- COSCARELLI, Carla Viana. Gêneros textuais na escola. **Veredas-Revista de Estudos Linguísticos**, v. 11, n. 2, 2007.
- DACANAL, J. H. **A pontuação: teoria e prática**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2015.
- DIONISIO, Ângela Paiva et al. **Gêneros textuais e ensino**. Lucerna, 2005.
- DUBOIS, M. G. et al. **Dicionário de linguística**. Trad. Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 2018.
- FERRACIOLI, Laércio. Aprendizagem, desenvolvimento e conhecimento na obra de Jean Piaget: uma análise do processo de ensino-aprendizagem em Ciências. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 80, n. 194, 1999.
- FERREIRA, Ariadna dos Reis Araújo; CAIXETA, Geovane Fernandes. Os “sinais de pontuação” são marcas constitutivas do sentido? **Crátilo**, v. 1, p. 151-164, 2008.
- KOCH, I. G. V.; SILVA, M. C. P de S. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. 12ª ed. Cortez: São Paulo, 2017.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LOBATO, Monteiro. **Fábulas**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.
- MARMENTINI, Viviane; VANZING, Alceu. Vírgula: explicação ou complicação? **Revista Virtual Lingu@ Nostr@**, v. 1, n. 1, p. 151-168, 2013.

NICOLA, José; TERRA, Ernani. **Português: de olho no mundo**. São Paulo, 2005.

PERRONI, Priscila Braga Costa. **A origem e o uso da pontuação na gramática de língua portuguesa**. 2015.

SILVA, A. **O aprendizado da pontuação em diferentes gêneros textuais: um estudo exploratório com crianças e adultos pouco escolarizados**, 2003. 148 f. Dissertação (Mestrado em Educação). UFPE, Recife, 2003.

SILVA, Ana Maria da. **O ensino dos usos dos sinais de pontuação: um estudo de propostas metodológicas de professores de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental**. 2019. 164 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2019.

SILVA, Anderson Cristiano; SOUSA, Raimunda Francisca. Concepções sobre os sinais de pontuação por alunos do ensino fundamental–anos iniciais. **Revista de Letras Norte@mentos**, v. 9, n. 19, 2016.

SOARES, Francielly Rodrigues. **Uso da pontuação em textos narrativos de alunos do sétimo ano do ensino fundamental**, 2017. 133 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFPB, João Pessoa, 2017.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos**. Porto Alegre, 2004.

SOUZA, Laís Andrade; SANTOS, Eudaldo Francisco; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. Cronologia visual da tipografia: do surgimento da escrita à Idade Média. **XI Seminário de PósGraduação em, 2015**.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Tipologia textual e ensino de língua. **Domínios de Linguagem**, Uberlândia, vol. 12, n. 3, jul- set. 2018

VOLTOLINI, Rinaldo. Saúde mental e escola. Secretaria Municipal de Educação (Ed.).

Caderno de debates do NAAPA: questões do cotidiano escolar, p. 81-95, 2016.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre oralidade e escrita. **Letras de hoje**, v. 41, n. 3, 2006.

ANEXOS

Anexo I

UEMA/CAMPUS SANTA INÊS

DEPARTAMENTO DE LETRAS: CURSO DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o (a) Sr (a) para participar da Pesquisa: A aplicabilidade dos sinais de pontuação na produção textual através do tipo textual narrativo nas turmas do 6º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Abraão Barros Rodrigues, sob a responsabilidade do pesquisadora Joyce Aline de Araújo Silva, o qual pertence a instituição: **Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/ Campus Santa Inês, MA.** O objetivo da pesquisa é investigar o tipo textual narrativo e a aplicação de sinais de pontuação na produção textual dos alunos do 6º ano do ensino fundamental anos finais. Sua participação é voluntária e se dará por meio dos registros escritos, ou por qualquer meio tecnológico, sabe-se que, além do fato de que responder e resolver atividades toma tempo do participante. Logo, desconfortos podem advir de tais situações, as quais estão previstas no trabalho de pesquisa. A pesquisa beneficiará a comunidade escolar em virtude dos conhecimentos que serão gerados, e favorecerá tanto o processo de ensino como o de aprendizagem de língua materna. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade ou perda de benefícios. Após o seu consentimento, se caso queira desistir, terá o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa e coleta dos dados, independente do motivo, e sem nenhum prejuízo à sua pessoa. O (a) Sr (a) não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados e publicados em nosso TCC, mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para obtenção de qualquer tipo de informação sobre os seus dados, esclarecimentos, ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com os pesquisadores. Eu, o pesquisado, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo. Este documento é emitido em duas vias que serão assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um. Reclamações e/ou insatisfações relacionadas à sua participação na pesquisa poderão ser comunicadas UEMA – Campus Santa Inês, ao orientador e pesquisadores.

Local e data da assinatura deste Termo: Santa Inês, MA, 19 de 09 de 2023.

Mania Josei Gomes de Araújo Silva

Assinatura do participante

Joyce Aline de Araújo Silva

Assinatura do pesquisador/coordenador do projeto

Pesquisadora: Joyce Aline de Araújo Silva

Orientador Científico: Professor Doutor Antonio Cíllrio da Silva Neto.

APÊNDICES

APÊNDICE – A: Questionário sobre os principais sinais de pontuação

1. Complete as frases com os sinais de pontuação corretos.

- Ana ___ Maria ___ João e Beto acabaram de sair.
- Será que ela quer um doce ___
- No fim ___ gritou de alegria: ___ Ganhei ___
- Ele ___ o cozinheiro mais simpático que conheço ___ fez o melhor hambúrguer que alguma vez tinha comido.
- A menina estava com muito medo, por isso gritou: socorro ___

2. Para que serve os seguintes sinais de pontuação:

a. Ponto “ . ”

b. Reticências “ ... ”

c. Exclamação “ ! ”

d. Dois pontos “ : ”

e. Ponto e vírgula “ ; ”

f. Travessão “ - ”

g. Aspas “ ”

h. Vírgula “ , ”

i. Parênteses “()”

j. Interrogação “?”

APÊNDICE – B: Questionário sobre o gênero textual narrativo

Fábula “A Ovelha Negra” de Calvino Ítalo

Em um canto remoto da Terra havia um povoado onde todos, absolutamente todos, eram ladrões. Cada um dos habitantes saía à noite, levava uma lanterna e uma chave falsa que servia para arrombar fechaduras. Com esses instrumentos, saqueava a casa do vizinho. No dia seguinte, cada um voltava para sua casa. E a encontrava vazia, é claro. Nada disso era anormal para os habitantes desse povoado. Afinal de contas, todos sabiam que viviam com ladrões e não podiam esperar que os outros não os roubassem.

No entanto, esse longínquo povoado vivia em completa harmonia. Era uma corrente. Todos roubavam todos e, assim, ninguém ficava sem posses. Da mesma maneira, no comércio se comprava e se vendia por meio de golpes. Tanto quem comprava quanto quem vendia se enganava mutuamente. Ao mesmo tempo, o governo sabia apenas enganar os súditos. Estes, por sua vez, enganavam o Estado o tempo todo. Os habitantes se sentiam felizes por viver naquele lugar.

Nesse conto, quem começa a alterar a situação estabelecida no povoado é um homem honesto. Ele chegou de repente e, em vez de sair para roubar à noite, ficou em casa, lendo um livro e fumando cachimbo. Os ladrões chegaram perto da casa dele, mas como viram a luz acesa decidiram não se aproximar. Alguns dos habitantes começaram a passar fome. Se não podiam roubar, a corrente se quebrava e alguém ficava sem bens. Assim, decidiram conversar com o homem honesto e pedir para que ele reconsiderasse sua atitude. Ele estava prejudicando todo mundo. Se ele não queria roubar, não tinha problema, mas precisava deixar que os outros roubassem. O homem honesto entendeu a situação, e a partir de então, todas as noites ele ia até o rio. Deixava a casa livre para que os outros se sentissem confiantes para roubar, mas não quis ser ladrão.

Por isso, em menos de uma semana sua casa ficou completamente vazia. A atitude do homem honesto começou a desfazer todo o equilíbrio daquele povoado. Como ele se negava a roubar, sempre havia alguém que ficava com a casa intacta no dia seguinte. Então, algumas pessoas começaram a acumular mais do que precisavam. Ao mesmo tempo, quem ia roubar a casa do homem honesto a encontrava vazia. Assim, não podia comer de novo até a noite seguinte, quando podia roubar outra casa. Dessa maneira, começaram a existir ricos e pobres.

Alguns acumulavam, enquanto outros sempre estavam no prejuízo. Rapidamente aqueles que tinham acumulado muitos bens decidiram que já não queriam mais ser roubados. Mas também não queriam parar de roubar porque podiam ficar pobres. Assim, decidiram pagar quem não tinha nada para que não os roubassem. E então tiveram início os contratos, com salários e bonificações para que tudo ficasse muito claro. O final da fábula da ovelha negra com as mudanças, muitas pessoas ficaram confusas. Elas não sabiam mais o que fazer. Para se lembrarem de quais eram seus papéis, foram criadas as cadeias e a profissão de policial. Assim, quem tinha acumulado muitos bens também não deixaria seus bens em perigo. Apesar de tudo isso, o roubo não desapareceu. Todos continuaram roubando, mas agora as regras do jogo eram outras. Algumas pessoas não trabalhavam e pagavam outras que para que roubassem. Mas os ricos não podiam ser roubados, caso contrário o infrator era levado para a prisão.

